



Educação Empreendedora como Proposta de Estudo no Curso de Educação Física.

Rose Meire Melo Dos Santos - UEPa - Brasil¹

Jonatha Pereira Bugarim - UEPa - Brasil²

Carla Melo Moraes - Uniasselvi - Brasil³

RESUMO: O objetivo dessa pesquisa é analisar os elementos da educação empreendedora que podem ser inseridos na formação inicial de Universitários no curso de Licenciatura em Educação Física. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa com nível de pesquisa exploratório. Foi realizada uma revisão de narrativa, pautados em periódicos na área de educação física e na área de empreendedorismo. Foi utilizado como descritores as expressões: “Educação Física” e “educação empreendedora”. A conclusão dessa pesquisa é que a educação para o empreendedorismo pode ser desenvolvida no curso de educação física através de estudos baseados em Modelos de Empreendedorismo de Sucesso e no elemento da Atitude em relação ao Empreendedorismo.

Palavras Chaves: Educação Física; Educação empreendedora.

INTRODUÇÃO

O objetivo geral dessa pesquisa é sistematizar elementos da educação empreendedora como temática necessária na formação inicial de Universitários no curso de Licenciatura em Educação Física. Para alcançar o propósito do estudo foram definidos os seguintes objetivos específicos. Caracterizar a perfil de empreendedores de sucesso de acordo a literatura. Identificar modelos de empreendedores. Analisar a educação empreendedora para alunos, usando modelos de empreendedorismo de sucesso

Embora se observe uma crescente alta de profissionais de educação física, sobretudo profissionais licenciados, pouco se fala dos empreendedorismos no curso de licenciatura educação física e de que forma esses sujeitos podem ingressar nessa esfera com uma base sólida de conhecimento sobre gestão, administração e financeiro para que possam atuar como empreendedores na sociedade.

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa com nível de pesquisa exploratório. Foi realizado uma revisão de narrativa, pautados em periódicos na área de educação física e na área de empreendedorismo.

Casarin, Porto, Gabatz, Bonow, Ribeiro e Mota (2020, p. 01), relata que quanto a Revisão Narrativa que,

A Revisão Narrativa (RN) é uma forma não sistematizada de revisar a literatura. É importante para buscar atualizações a respeito de um determinado

¹ E-mail: rosemeiremellodossantos1978@gmail.com.

² E-mail: bugarim@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-1744-3997>

³ E-mail: carlamelo29@gmail.com.

Santos, R.M.M., Bugarim, J.P., Moraes, C.M.; Educação Empreendedora como Proposta de Estudo no Curso de Educação Física. Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas V.7, Nº3, p.115-139, Ago./Dez. 2022. Artigo recebido em 01/12/2022. Última versão recebida em 28/12/2022. Aprovado em 30/12/2022.

assunto dando ao revisor suporte teórico em curto período. Também pode ser útil na descrição do estado da arte de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Como a RN inclui um processo mais simplificado de revisar a literatura, a questão de pesquisa pode ser mais ampla ou pouco específica e abordar um tema de forma livre, sem rigor metodológico e por isso está sujeita aos vieses. Na RN não há obrigatoriedade de que os autores informem com detalhes os procedimentos ou critérios usados para selecionar e avaliar as referências incluídas na análise, pois a forma de seleção é variável e arbitrária.

Foi utilizado como descritores as expressões: “Educação Física” e “educação empreendedora”.

A problemática desse estudo trata-se: Quais os elementos da educação empreendedora podem ser inseridos na formação inicial de Universitários no curso de Licenciatura em Educação Física ?

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

DESENVOLVIMENTO

O empreendedorismo é um elemento-chave para qualquer país que pretenda ser competitivo no mercado global baseado no conhecimento devido ao fato de que tem sido geralmente visto como um método de promoção do crescimento econômico, criatividade e inovação. Essa visão tem levado a um crescente interesse no desenvolvimento de programas educacionais que estimulem e aprimorem o empreendedorismo.

Embora não haja consenso sobre se o empreendedorismo pode ser incentivado por meio da educação, uma quantidade significativa de literatura sobre o assunto reconhece a contribuição positiva da educação para o empreendedorismo no desenvolvimento do know-how das pessoas, competências, bem como na valorização da atitude e intenção empreendedora.

Quanto à integração da educação para o empreendedorismo no ensino superior, estudos salientam a sua importância, para que as universidades do século XXI possam tornar-se importantes motores do desenvolvimento tecnológico e do crescimento econômico.

A inclusão em programas acadêmicos de disciplinas específicas relacionadas com a criação de empresas, a criação de unidades de apoio ao auto-emprego e o desenvolvimento de viveiros universitários, ou oficinas de criatividade e empreendedorismo são alguns exemplos de iniciativas desenvolvidas no seio das universidades destinadas a incentivar os alunos a criar empresas. Além disso, as instituições de ensino fazem esforços anuais para fornecer aos alunos modelos de comportamento empreendedor nas salas de aula.

Embora tenham havido várias iniciativas que empregam diferentes concepções pedagógicas para a educação para o empreendedorismo, as coisas começaram a mudar muito recentemente, e poucas tentativas foram feitas para avaliar como os diferentes métodos de ensino da educação para o empreendedorismo influenciam a atitude em relação ao empreendedorismo e as intenções empreendedoras de universitários. Ainda menos estudado é o grau em que o design pedagógico da educação para o empreendedorismo dentro dos programas de mestrado tem efeitos semelhantes ou diferentes em diferentes graduados.

De fato, os pesquisadores identificaram a necessidade de uma investigação mais profunda que vincule diretamente os resultados empreendedores de alunos/graduados a diferentes métodos pedagógicos, bem como a necessidade de considerar como os fatores contextuais, como a formação do aluno em educação para o empreendedorismo, impactam a pesquisa.

FORMAÇÃO INICIAL E AS DCN DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Apesar da formação do conhecimento de professores de Educação Física, atualmente ter passado por mudanças em conformidade com várias interferências, tanto de natureza legal quanto epistemológico, Oliveira (2006) declara que, em referência ao ato de formação, tem-se ainda que debater e observar. Barbosa- -Rinaldi (2008) ao pesquisar a formação profissional em Educação Física observa-se possibilidade da transformação na estrutura do currículo e suas obrigatoriedades dos currículos pautarem-se na educação reflexiva, transferindo a responsabilidade para o formador a função de mediador do conhecimento, possibilitando o desenvolvimento da reflexão crítica nos futuros professores.

Segundo a autora a educação de professores não seria apenas o local de instrução do educador, mas ainda um ambiente no qual ele estuda e transforma-se mais reflexivo. Para que isso aconteça o formador tem o papel de adotar uma prática com reflexão na organização do trabalho de cunho pedagógico, e também, implica uma nova epistemologia do ato.

A formação dos professores precisa ser reconsiderada como algo que ultrapasse as atividades de ensino, vislumbre horizontes e seja apresentada a partir de um meio que auxilie o acadêmico a refletir criticamente, elucide e descubra as coisas do mundo e da

profissão, a partir das construções de conhecimento das atividades de ensino assim presumindo a formação reflexiva do professor.

Na atualidade encontramos, com mais regularidade declarações e questionamentos de professores do ensino superior com relação a conteúdos que deveriam estar aplicados na concepção inicial e especialmente como abordar. Segundo Barbosa-Rinaldi e Martineli (2003), essa temática pode ser observados em publicações, debates e análises exposto nos grandes eventos nacionais da área e também, nas discussões que ocorreram durante o andamento da reestruturação curricular na qual advieram os cursos de educação física de todo o país ultimamente.

Com isto verifica-se a inquietação de estudiosos da área em destacar objeções e indicar meios com objetivo da intervenção, porque é reconhecida a demanda por mudanças. É possível considerar que após 1980, pesquisadores da área de Educação Física atentaram-se para essa polêmica na intenção de descobrir uma nova atitude para o ensino superior, compreendendo que a fase de formação preambular é importante, pois é neste momento que se obtêm conhecimentos substancial para a atuação profissional.

É neste período no qual os futuros docentes conseguirão ou não, modificar os conceitos que possuem de Educação Física, manifestando ou não, uma atividade pedagógica permeada pela cultura dominante. Nesta ocasião o corpo social acadêmico da Educação Física estimula-se para ofertar um ensino coerente com os anseios da sociedade brasileira, essas mudanças foram indiscutivelmente necessárias, mas as argumentações sobre a formação profissional ainda existem e são temáticas vigente, tendo em consideração a inquietação atual nas pesquisas sobre o método de formação de docentes de Educação Física (BETTI,1992; PALMA, 2001; MARTINELI, 2001; RIBEIRO, 2003, dentre outros).

Percebe-se atualmente o modelo hegemônico, a razão de natureza técnica ou também no aspecto tecnológico nas formações em Educação Física, seja no modo como os currículos estão organizados, ou quanto ao agir pedagógico dos professores. Palma (2001) ressalta que esta área da educação, tradicionalmente acha-se firmada no ponto de vista especificamente, no ato de, buscar saber fazer e também na ação de saber ensinar, dessa forma que o aprender o método de aprender resultou em um engessamento.

É indispensável romper os laços com o modelo vigente, e ir em direção a uma nova epistemologia para a desenvolvimento de docentes, de caráter que, venhamos contemplar uma sociedade mais participativa e possuidora de sua história. Diante do exposto,

concentramos nossas análises na problemática apontada seja, no obstáculo em dissolver o paradigma técnico-instrumental e dominante, em direção a uma nova epistemologia para a formação inicial em Educação Física em consequência aos impasses que os futuros professores apresentarão em ensinar os elementos curriculares da área . Selecionamos para orientar nosso estudo, a questão: necessitamos ou não ter uma inovação epistemologia para a concepção inicial de catedráticos em Educação Física?

Na atualidade, ressaltamos que as incertezas vigentes no texto do Parecer e da Resolução homologadas em 2018 dispõem de uma série de incertezas para professores e pesquisadores da área, no que se refere. Em particular o entendimento do causador que traz explicação interpretações e entendimentos estes documentos deveriam passar para o corpo social da Educação Física. Entre o surgimento e problema que substancializam as divergências e afinidades com relação a formação na área no período de 2014 a 2018, notamos duas diferentes posições manifestas: inicialmente referente àqueles que defenderam a formação dupla (licenciatura e bacharelado).

A declaração CNE/CP no 6, de 19 de dezembro de 2018, oferta uma transformação considerável para a ordenação dos cursos de Educação Física. Um breve resumo dessa Resolução, se a inquietação era fazer com que os cursos de licenciatura recebessem terminalidade e plenitude própria em relação ao Bacharelado, constituindo-se em um projeto próprio (BRASIL, 2001), em concordância com as políticas de qualificação de formação de professores, essa nova decisão, na contramão da educação superior como direito social e mais vinculada à educação como serviço, determina que os cursos de Educação Física devem ofertar ingresso único, com a necessidade de os alunos, ao final do quarto semestre, escolherem pela formação específica na licenciatura ou no bacharelado.

Assim sendo, a resolução ordena que a formação deve ser 2 em 1, com duas etapas, a comum e a específica, ambas com 1.600 horas referenciais, totalizando 3.200 horas. De acordo com a declaração, a fase comum é causadora por proporcionar a liberdade do discente para a escolha da formação determinada e, por isso, os conhecimentos discutidos nessa fase deverão favorecer :

- I) Conhecimentos biológicos, psicológicos e socioculturais do ser humano;
- II) Conhecimentos das dimensões e implicações biológicas, psicológicas e socioculturais da motricidade humana/movimento humano/ cultura do movimento corporal/atividade física;
- III) Conhecimento instrumental e tecnológico;
- e IV) Conhecimentos procedimentais e éticos da intervenção profissional em Educação Física.

No período específico o ensinamento necessitará avaliar as características de cada formato, preconizada nos artigos 10 e 11, respectivamente:

Art. 10 O Licenciado em Educação Física terá instrução humanista, técnica, crítica, reflexiva e ética qualificadora da intervenção profissional fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética no magistério, ou seja, na docência do componente curricular Educação Física, tendo como referência a legislação própria do Conselho Nacional de Educação para a área (BRASIL, 2018, p. 5).

Art. 11 O Bacharel em Educação Física terá formação geral, humanista, técnica, crítica, reflexiva e ética, qualificadora da intervenção profissional fundamentada no rigor científico, na reflexão filosófica e na conduta ética em todos os campos de intervenção profissional da Educação Física (BRASIL, 2018,p.8).

Além do mais as duas habilitações deverão garantir 20% das horas relativas para os estágios, bem como outras ações como componente curricular. Outras alterações abrangem as exigências de que os trabalhos de conclusão de curso abrangem temas envolvidos à área de atuação profissional, sem carga horária pré-definida, e a integração do procedimento avaliativo do curso à avaliação do egresso via sistema institucional desenvolvido pelas Instituição de ensino superior.

De acordo com Borges e Pochmann (2002), o Brasil foi indicado nos relatórios da Organização Internacional do Trabalho (OIT) como um dos detentores mundiais em desregulamentação na década de 1990, ao assumir os seguintes mecanismos, dentre outros:

- (1) criação do contrato de trabalho em regime de tempo parcial, com redução proporcional do salário e do tempo de férias;
- (2) desistência da Convenção 158 da OIT que obriga justificar, por escrito, os motivos das demissões.

Tais alterações aumentaram a fragilização do trabalho no Brasil, que é um artifício estrutural da categoria de proletariado através o capitalismo global, assinalada pelo acréscimo sobre o nível médio de exploração, já que acontece o acréscimo médio sobre a taxa de retirada de mais-valia (ALVES, 2007).

Mesmo que a unidade estrutural, as experiências da fragilização do trabalho são entendida e percebidas de formas desigual pelos contingentes do velho salariado e pela próxima geração inserida na nova fragilidade salarial. (ALVES, 2007)

No propósito da dimensão objetiva, a precarização, Alvaro de Azeredo Quelhas carização se revela por linhas inconstantes de salariado, com alterações na esfera dos direitos e na forma de admissão; de modificações qualitativamente novas na gestão da REGMPE, Brasil-BR, V.7, Nº3, p. 115-139, Ago./Dez.2022 www.revistas.editoraenterprising.net Página 120

rotina dos locais de trabalho e do peculiar ponto de vista de ocupação e de inclusão no mercado de trabalho, por causa do crescimento do desemprego aberto. Ao analisar a condição laboral dos trabalhadores da Educação Física no chamado segmento fitness, no município do Rio de Janeiro, no início da segunda década deste século constatamos uma grande familiaridade de elementos com os princípios da ajuntamento com flexibilidade (QUELHAS, 2012).

Esta averiguação se atribui a uma relevância para reflexão sobre a atual circunstância laboral na área, relacionado a um ramo de atividade profissional que desfrutou de forte aumento a partir dos anos de 1980, alargando rapidamente as chances de emprego para os trabalhadores da área na atualidade. Foi permitido reconhecer estabelecida nas academias de ginástica, o novo modelo produtivo que acompanha os preceitos organizacionais da acumulação flexível, orientada no toyotismo, padrão criado na montadora de carros japonês da Toyota, e que se cresce de três formas, conforme Bihl (1998) e Alves (2011): na produção fluida, na produção flexível e na produção difusa.

A fabricação descomplicada procura o cancelamento de intervalo morto e de paradas no decorrer da realização do processo produtivo, com significativo papel de novas ferramentas robóticas, ligado a uma nova forma de ordem e divisão do trabalho, que necessita do trabalhador/equipe polivalente e o emprego de mecanismos organizacionais que presumem o envolvimento pró-ativo do operário ou empregado.

A flexibilidade da produção procura atender a uma demanda variável em volume e composição através de, (a) novas máquinas de base microeletrônica e informacional, com capacidade para serem rapidamente reprogramadas para uma série de tarefas diferentes; (b) um novo perfil profissional do trabalhador, que seja capaz de ocupar diferentes postos de trabalho, executar diferentes tarefas, inserir-se em diferentes segmentos do processo de trabalho, etc.; (c) flexibilização da força de trabalho, inicialmente, por meio do enfraquecimento das categorias jurídicas que gerem o contrato de trabalho, o que implica na probabilidade de protestar prontamente ao afazeres em tempo parcialmente e ao trabalho temporário. A produção difusa significa mostrar um fragmento das atribuições operacional ou burocrática da empresa, mantendo o núcleo central do processo de trabalho e de administração, terceirizando todo o resto fabricação técnica, segurança e limpeza, manutenção especializada, pela adoção expandida da terceirização e outros métodos. Em academias mais desenvolvidas é notável o grande

número de equipamentos de ginástica, associado a uma imensa variedade de exercícios possíveis, o que permite dar fluxo e flexibilidade ao serviço ofertado.

A fluidez da produção de trabalho é obtida pela enorme porção e diversidade de equipamentos, o que possibilita um maior volume de clientela treinando ao mesmo tempo, num determinado período do dia, como por exemplo no início da manhã e da noite, horários de pico nas academias de ginástica. Esta quantidade de fluidez também é significativa quando consideramos a localização das academias. As academias estão presentes em áreas residenciais, e também em zonas comerciais onde existe grande afluxo de pessoas, como em shopping centers.

Portanto, o fluxo proporcionado pela quantidade e qualidade dos equipamentos disponíveis são necessário para atender clientes antes, durante ou após a sua jornada de trabalho, que requerem um pronto atendimento de suas necessidades de exercício físico. A fluência da produção oportunizada por modernos equipamentos de ginástica, associada ao volume disponível, causa um novo tipo da força de trabalho do fitness, em especial, dos profissionais que atuam nas salas de musculação.

O serviço deste profissional se limita e restringe-se em termos técnicos-profissionais e aumenta em termos sócio-afetivos, a valorização das relações interpessoais com os clientes e da habilidade de comunicação que consiste como importantes mecanismos para a fidelização do cliente na academia. O atendimento e assistência diversificada para públicos distintos são características da produção flexível de influencia toyotista, alcançados com o concurso da flexibilidade de contratos, que possibilita oferecer produtos diversificados.

Os aparelhos para ginásticos cada vez mais modernos permitem atender focos diversificado como na estética ou na saúde, simultaneamente além de públicos diferenciados como, pessoas de várias idades.

Além disso, há salas especializadas ciclismo estacionário e corrida em esteira e salas para atividades diversificada como ginástica localizada, yoga, alongamento, etc. Por último, temos o atendimento oferecido pelo personal trainer treinamento individualizado. Há academias que dispõem de atividades aquáticas. Cunha (2011), demonstra dificuldades para preparação dos currículos. Mesmo que se tenha passado mais de uma década, desde o guia das novas diretrizes que regulamenta os cursos superiores. Percebe-se em pesquisas de trabalhos acadêmicos apontam um certo

relaxamento das Instituições em relação ao conhecimento quanto a fundamentos que constitui o currículo e a matriz. (MAFFEI; VERARDI; PESSÔA FILHO, 2016).

Gordo (2011), em seu estudo identifica como vulnerabilidade na identidade profissional. Para ele a principal causa dessa situação estaria ligada à discrepância entre o discurso incluído no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e as aprendizagens aplicadas na formação.

Revelar novas oportunidades de ensino-aprendizagem que integrem ensino, pesquisa e formação continuada, levando em conta o conhecimento plural construído nos diferentes contextos, realidades e instituições e nas experiências pessoais/profissionais com os saberes disciplinares e práticos que através da formação são transmitidos, tendo a práxis pedagógica atribuída como elemento de equidade e equilíbrio do processo formativo durante o curso. (MAFFEI; VERARDI; PESSÔA FILHO, 2016).

È sobretudo relevante assinalar que a formação precisa ser repensada como algo:

que transcenda as atividades de ensino, mas não prescindir dela; vá para além dos horizontes da sala de aula, mas não a descarte; seja apresentada a partir de um ambiente complexo que auxilie o acadêmico a refletir para desvendar as coisas do mundo e da profissão, a partir das construções nas atividades de ensino; da ação nas práticas pedagógicas e nos projetos de extensão; da investigação nos programas de ensino, pesquisa e extensão, aí sim, pressupondo a formação reflexiva do professor (MAFFEI; VERARDI; PESSÔA FILHO, 2016, p. 160).

Com o intuito de ratificar essa ideia, Segundo Saviani (2016, p. 55), referente ao aspecto curricular:

Currículo é entendido comumente como a relação das disciplinas que compõem um curso ou a relação dos assuntos que constituem uma disciplina, no que ele coincide com o termo programa. Entretanto, no âmbito dos especialistas nessa matéria tem prevalecido a tendência a se considerar o currículo como sendo o conjunto das atividades (incluído o material físico e humano a elas destinado) que se cumprem com vistas a determinado fim. Este pode ser considerado o conceito ampliado de currículo, pois, no que toca à escola, abrange todos os elementos a ela relacionados

2.1. PERFIL DO EMPREENDEDOR DE SUCESSO

Tanto pesquisadores quanto especialistas em empreendedorismo têm relatado que a constituição de novas empresas é um elemento chave no processo de desenvolvimento e crescimento, sendo o empreendedor definido como um indivíduo que assume riscos, faz planos, supervisiona e monitora, organiza e controla o negócio, bem como maximizar as

oportunidades de negócio, tomar iniciativas, organizar os mecanismos socioeconômicos e aceitar o risco de insucesso, ser líder e inovador.

William Gartner (2019) realizou um extenso estudo comparando as principais pesquisas sobre empreendedorismo. O estudo do Gartner relatou uma série de características dos empreendedores, como preferência pelo risco, independência, otimismo, criatividade, iniciativa, liderança, desejo de sucesso, etc.

Em estudos mais recentes, encontram-se características que delineiam o perfil de um empreendedor clássico, nomeadamente, um sentido de independência desenvolvido, vontade de assumir responsabilidades e gerir um negócio, capacidade acrescida de esforço intenso e duradouro, preferência por riscos moderados em o negócio, reação rápida, decisões rápidas na atividade atual, organização eficiente do tempo de trabalho. (AL-JUBARI; HASSAN; LIÑÁN, 2019)

O que distingue um empreendedor clássico de um moderno são as características que permitem ao empreendedor lidar com os desafios e demandas constantes do ambiente de negócios. Um estudo realizado no nordeste da Tailândia em uma amostra de 391 empreendedores identificou uma série de características dos empreendedores de sucesso: espírito de negócios, proatividade, vantagem competitiva, sustentabilidade, orientação para o capital humano e desempenho da empresa. Além disso, as características dos empreendedores bem-sucedidos diferem de acordo com o estágio de desenvolvimento do negócio. No entanto, independentemente do estágio de desenvolvimento do negócio, a orientação para o futuro e a perspectiva menos fatalista estão associadas a um maior sucesso no empreendedorismo. (AMORNPINYO, 2018)

Uma abordagem mais não convencional para o perfil do empreendedor de sucesso foi sugerida por Jeremy Snepar (2018), que afirma que os empreendedores se sentem confortáveis com o desconforto profissional. Assim, os empresários arriscam suas reputações e meios de subsistência para seguir uma abordagem não convencional ou impopular para resolver um problema.

Parece que hoje a resiliência é uma das características mais importantes dos empreendedores de sucesso. A resiliência permite que os empreendedores superem crises, situações críticas e superem fracassos, saindo ainda mais fortes do que antes. A resiliência empreendedora é um tema menos debatido, sendo as duas principais linhas de investigação centradas no comportamento e experiência dos pais e nos dois fatores ligados ao processo (aprendizagem e experiência empreendedora, bem como atitude e

comportamento profissional do empreendedor). (BARBA-SÁNCHEZ; ATIENZA-SAHUQUILLO, 2018)

2.2. MODELOS EMPREENDEDORES

Tem sido geralmente aceito que a existência de um modelo de papel empreendedor é um fator de influência chave na decisão do empreendedor de iniciar um negócio. Uma parte significativa da literatura no campo sobre a decisão de iniciar um negócio inclui antecedentes ou fatores antecedentes que fundamentam a decisão empreendedora, incluindo a influência do modelo no processo de pensamento do potencial empreendedor.

O efeito dos modelos é um fenômeno sociológico que tem sido extensivamente estudado. Na pesquisa sobre empreendedorismo, é usado como um fator institucional informal que pode funcionar como um incentivo para a atividade empreendedora. Fornahl (2016) observou o papel positivo que os exemplos empreendedores desempenham entre os fatores institucionais que influenciam a atividade empreendedora.

As decisões individuais de adotar determinado comportamento são muitas vezes influenciadas pelo comportamento e opiniões de outros indivíduos através do exemplo fornecido e da identidade que eles exibem. É também o caso da escolha profissional, em geral, e da escolha de ser empresário, em particular, pois muitos empresários declaram que a decisão de empreender e a forma como desenvolveram os seus negócios foram influenciado pelos exemplos de outras pessoas que serviram como modelos empreendedores.

Os modelos de comportamento referem-se a indivíduos que fornecem exemplos que podem ser seguidos por outros e que podem estimular ou inspirar outros indivíduos a tomar certas decisões, incluindo decisões relacionadas à carreira, e atingir determinados objetivos.

Gibson (2019) definiu o modelo de papel como uma pessoa que um indivíduo percebe como sendo, até certo ponto, semelhante a si mesmo e, devido a essa semelhança, o indivíduo deseja imitar (ou evitar, em particular) certas características ou comportamentos dessa pessoa.

Em sua dissertação, McCullough (2013) adota uma versão ligeiramente modificada da definição de Gibson, descrevendo o modelo como uma pessoa com quem um indivíduo se identifica em algum grau, e quem pode desejar imitar (ou evitar). Esta

definição permite ao observador selecionar um modelo sem reconhecer a semelhança e, no entanto, desejando emular o modelo no todo ou em parte.

Gibson (2019) esclarece o significado da expressão modelo de papel com base em duas construções teóricas, a saber, o conceito de papel e a tendência dos indivíduos de se identificarem com outras pessoas e outro conceito de modelagem, a correspondência psicológica de habilidades cognitivas e padrões de comportamento entre uma pessoa e um indivíduo observador. Assim, os indivíduos são atraídos por modelos que são percebidos como semelhantes em termos de suas características, comportamento ou objetivos (aspecto do papel) e de quem eles são capazes de aprender certas habilidades ou competências (aspecto do modelo). Na literatura (2019), o fenômeno dos modelos de papéis é explicado pela teoria da identificação (papel) e pela teoria da aprendizagem social.

Conforme observado por Bosma et al. (2016), a identificação de papéis pode ser vista como uma resposta cognitiva à convicção de um indivíduo de que as características de outra pessoa (o modelo) estão próximas de suas próprias motivações e caráter, e que esse modelo desempenha um papel social desejável ou ocupa um lugar atraente posição.

Bosma et al. (2016) observaram que a identificação de papéis pode ser manifestada pela formação ou adaptação de preferências individuais, por meio de comportamento imitativo, efeitos motivacionais e inspiradores ou legitimidade e encorajamento.

A teoria da aprendizagem social e a teoria cognitiva social argumentam que os indivíduos são atraídos por modelos que podem ajuda - lós a se desenvolver ainda mais aprendendo novas tarefas e habilidades. Portanto, os indivíduos aprendem seguindo exemplos de pessoas que têm bom desempenho em uma área na qual eles próprios desejam se envolver ou se destacar.

Os modelos de papel empreendedor podem ir desde pessoas do círculo próximo do indivíduo (parentes, amigos, colegas, conhecidos) até personalidades nacionais ou internacionais conhecidas, mas com quem o indivíduo não interagiu pessoalmente, como Bill Gates ou Steve Jobs, por exemplo . Um modelo pode ser real, quando um indivíduo tem uma relação direta com o modelo, ou pode ser um role model virtual, sem interação, mas que pode ser seguido na TV, ao vivo, no rádio ou na leitura sobre isso. (BARBA-SÁNCHEZ; ATIENZA-SAHUQUILLO, 2018)

Os modelos podem influenciar as abordagens empreendedoras dos indivíduos em diferentes etapas do processo empreendedor, cumprindo papéis variados, como facilitador na detecção de oportunidades e geração de ideias de negócio na fase de inovação, estimulante na fase de desencadeamento de eventos e legitimador na fase de implementação, pois conhecer empreendedores de sucesso faz com que o ato de se tornar um deles pareça mais crível. Pessoas em contato próximo com um modelo empreendedor são mais propensas a desenvolver um desejo e confiança para criar seus próprios negócios. Além disso, a influência dos modelos empreendedores pode aparecer de várias formas.

Maior probabilidade de uma pessoa adotar intenções empreendedoras quando conhece pessoalmente indivíduos que se tornaram empreendedores recentemente. A presença de um modelo empreendedor na família ou em ambiente social próximo pode levar uma pessoa a contemplar tal alternativa de carreira e/ou desviar a atenção cognitiva para a busca de possíveis oportunidades empreendedoras. (AL-JUBARI; HASSAN; LIÑÁN, 2019)

Um foco da atenção do indivíduo em oportunidades específicas inspiradas por atividades do modelo que modificam suas percepções cognitivas de modo a favorecer sua decisão de buscar ativamente atividades empreendedoras voltadas para a criação de seu próprio negócio.

Influência da avaliação de uma opção para montar um negócio por meio de representação cognitiva e comparação com outros empreendedores existentes. A decisão final de realmente iniciar um novo negócio é mais frequentemente baseada na avaliação subjetiva da decisão fundadora sobre outras alternativas de carreira e opções de vida. Segundo Fornahl (2016), exemplos positivos de empreendedorismo podem levar a uma maior probabilidade de criação de uma empresa.

Bosma et al. (2016) identificaram três linhas principais de pesquisa na literatura empírica explorando a ligação entre a presença de modelos empreendedores e a decisão de se tornar um empreendedor: efeito dos modelos parentais, influência de redes e grupos de pares e perspectiva regional (ou regiões com altos níveis de empreendedorismo).

A primeira linha de investigação investiga o efeito dos modelos parentais, respetivamente, a existência de uma relação positiva entre a decisão de iniciar um negócio e ter pais que são, ou foram, empresários, relação explicada sobretudo pela herança genética, a possibilidade de aprender com a empresa e a família, ou ter apoio financeiro.

Estudos sobre antecedentes familiares apontam a relação positiva entre a presença de modelos na família e o surgimento de empreendedores. Collins, Moore e Fornahl (2016) foram os primeiros a verificar empiricamente se a influência para a criação de um novo empreendimento remonta à infância do empreendedor e às circunstâncias familiares. Fayolle, Gailly e Lassas-Clerc (2018) afirmou que as intenções de criação de negócios são mais fortes quando o grau de autoeficácia aumenta devido à presença de modelos de comportamento empreendedor e quando a influência vem de vários parentes próximos.

Os modelos de papel dos pais podem influenciar as crianças a se tornarem empreendedores. De acordo com Brennan, Morris e Schindehutte (2018), filhos de mães empreendedoras, que percebem seus modelos como positivos e bem-sucedidos, tendem a imitá-los. Ao mesmo tempo, muitos empresários envolvem crianças em seus negócios desde tenra idade. Essa situação aumenta a probabilidade de um jovem empreendedor em potencial desenvolver uma afinidade com o empreendedorismo mais ou menos por osmose e absorver conhecimento e experiência empreendedora útil ao entrar no mundo empreendedor, ingressando em uma empresa familiar, iniciando um novo negócio ou comprando um negócio.

A segunda linha de pesquisa discute a influência das redes e grupos de pares na decisão de empreender por meio da oferta de modelos empreendedores e acesso à informação.

Baucus e Human (2021) estudaram aposentados de empresas incluídas na Fortune 500 que iniciaram seus próprios negócios e encontraram três fatores principais que afetam positivamente o processo empreendedor: networking, visão de saída (voluntária x involuntária) e experiência anterior de emprego, que incluía possuir um negócio ou ter um modelo de comportamento empreendedor.

Outra forma pela qual as redes sociais e grupos de apoio contribuem para estimular ações empreendedoras se dá pelo fato de os empreendedores utilizarem suas redes sociais para buscar informações sobre mercados, indústrias, normativas administrativas e possíveis armadilhas. (AL-JUBARI; HASSAN; LIÑÁN, 2019)

A terceira linha de pesquisa que enfoca a associação entre a exposição a modelos empreendedores e a decisão de empreender é aquela que adota uma perspectiva regional agregada, na qual regiões com altos níveis de empreendedorismo podem estimular o surgimento de novas iniciativas empreendedoras ao facilitar encontrar um exemplo

adequado ou obter informações ou recursos de outros empreendedores. Ao mesmo tempo, a presença de outros empresários contribui para a legitimação de aspirações e ações empreendedoras.

Sobre a influência dos modelos de conduta na escolha da carreira empreendedora, Karimi et al. (2016) identificaram na literatura duas hipóteses sobre a relação entre modelos de papéis e escolha de carreira: a primeira hipótese é baseada na Teoria Social Cognitiva da Carreira (2019) e defende que os modelos de carreira servem como suporte contextual, tendo um efeito direto na decisão de carreira -making process, o que significa que a presença de modelos ou seu conhecimento influencia diretamente as intenções e opções de carreira empreendedora; a segunda hipótese é baseada na Teoria do Comportamento Planejado (2016), e sugere que os modelos, como fatores exógenos, influenciam indiretamente a intenção relacionada à carreira por meio de seus antecedentes, e isso significa que os modelos afetam a intenção empreendedora, mas apenas se afetarem a atitude da pessoa e a capacidade percebida de sucesso em um novo negócio. Kolvereid e Isaksen (2006) também concluiu que os modelos influenciam indiretamente as intenções por seu efeito sobre os antecedentes das intenções de escolha de carreira, ou seja, atitude, normas subjetivas e controle comportamental percebido.

2.3. EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA DE ALUNOS USANDO MODELOS DE EMPREENDEDORISMO DE SUCESSO

Watson; Hogarth-Scott; Wilson (2019) aponta que a educação de um empreendedor difere do simples treinamento de funcionários, destacando o papel importante da educação e do estudo sobre os resultados finais.

No que diz respeito à educação empreendedora dos jovens, sobretudo ao nível do desenvolvimento do espírito empreendedor desta categoria, a Comissão Europeia desenvolveu o Plano de Ação para o Empreendedorismo 2020 (ANTONACOPOULOU; FULLER, 2020), que assenta nas seguintes estratégias: desenvolvimento da educação e formação na área do empreendedorismo, criação de ambiente de negócios adequado; modelos e envolvimento de grupos específicos. Tanto as instituições educacionais quanto os empreendedores de sucesso, que podem ser verdadeiros modelos influenciando a atitude e a intenção empreendedora de alguém, podem desempenhar um papel importante na educação empreendedora dos jovens.

A educação para o empreendedorismo expõe os alunos a exemplos de planejamento de negócios bem-sucedidos ou à interação proativa com profissionais bem-sucedidos. Bae et al. (2014) argumentam que tais elementos pedagógicos fornecem estratégias de enfrentamento, que contribuem para manter a motivação e o interesse, levando a maiores expectativas de sucesso e ao aumento da autoeficácia empreendedora.

Gibson (2019) observa que a importância dos modelos de comportamento consiste em três funções interdependentes: “proporcionar aprendizado, fornecer motivação e inspiração e ajudar os indivíduos a definir seu autoconceito”. Nauta e Kokaly (2021) também argumentam que os modelos podem fornecer aos empreendedores suporte e orientação prática, chamando esse componente de aprendizado por meio do suporte.

Bosma et al. (2016) resumem as funções dos modelos de papel empreendedor definidos por Gibson (2019) e por Nauta e Kokaly (2021) como quatro funções interdependentes: (i) inspiração e motivação (o modelo de papel cria consciência e motiva as pessoas a começar), (ii) aumentar a autoeficácia (o modelo deixa as pessoas confiantes de que podem atingir um determinado objetivo); (iii) aprender pelo exemplo (o modelo fornece orientação para a ação) e (iv) aprender pelo apoio (o modelo fornece assistência ou conselhos práticos). Os autores argumentam que as duas primeiras funções resultam (indiretamente) da teoria da identificação de papéis, enquanto a terceira e a quarta estão implícitas na teoria da aprendizagem social.

2.3.1. Educação Empreendedora através de Modelos Empreendedores de Sucesso e Intenção Empreendedora

Bae et al. (2014) discutem as duas perspectivas teóricas argumentando que a educação para o empreendedorismo está positivamente correlacionada com as intenções empreendedoras: a **teoria do capital humano** e a **autoeficácia empreendedora**.

Estudos empíricos recentes (2021) confirmam a ligação entre o capital humano, financeiro e social, por um lado, e o empreendedorismo, por outro lado. Nesse contexto, os modelos de papel empreendedor podem ser vistos como uma possível fonte de capital humano ou social relevante.

Martin, McNally e Kay (2013) encontraram uma relação estatisticamente significativa entre a educação para o empreendedorismo e os resultados do capital humano, como conhecimento e habilidades relacionadas ao empreendedorismo, uma percepção positiva do empreendedorismo e intenções empreendedoras.

De acordo com as conclusões de Liñán e Fayolle (2016) em sua extensa revisão sistemática da literatura sobre as intenções empreendedoras, entre os fatores de fundo que influenciam as intenções empreendedoras dos indivíduos, é a influência dos modelos que atrai a maior atenção. A este respeito, os modelos familiares parecem ser mais proeminentes, mas outros modelos também exercem um efeito positivo. Estudos têm mostrado que entre 35-70% dos empreendedores tiveram modelos de comportamento empreendedor. Pesquisas informais entre alunos de cursos de empreendedorismo em universidades corroboram essa afirmação. O raciocínio por trás dessa visão é que os empresários compartilham sua sabedoria e conhecimento prático com os alunos.

Instituições educacionais e mídia todos os anos se esforçam para fornecer aos alunos e ao público em geral modelos de empreendedorismo em sala de aula, na TV e na imprensa. (AMORNPINYO, 2018).

A educação para o empreendedorismo também está associada à **autoeficácia empreendedora** que pode aumentar as intenções empreendedoras, pois se refere à confiança na própria capacidade de desempenhar com sucesso várias funções e tarefas relacionadas ao empreendedorismo. Os modelos de papel, em particular, podem estimular a autoeficácia ao fornecer experiências vicárias aos alunos. Eles também podem aumentar a autoeficácia individual, fornecendo incentivo e feedback, bem como aumentando as reações emocionais positivas ao empreendedorismo. (AL-JUBARI; HASSAN; LIÑÁN, 2019)

Estudos recentes abordam a decisão de entrar e permanecer no empreendedorismo sob a ótica da motivação individual. A abordagem motivacional para explicar um comportamento empreendedor é baseada na ideia de que uma pessoa precisa possuir uma predisposição favorável ao empreendedorismo para criar um negócio. Nesse corpo de teoria, Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2016) veem uma contribuição significativa da Teoria da Expectativa, uma vez que a priorização racional influencia o efeito das intenções individuais no processo motivação-decisão-ação. Assim, a motivação para a seleção de comportamento (a decisão de se comportar ou agir de uma certa maneira) é determinada pela desejabilidade do resultado (o que deve ser o resultado esperado desse comportamento selecionado). Portanto, a Teoria da Expectativa fornece uma estrutura para entender por que e como as pessoas escolhem ser empreendedores (LOCKE, 2019).

Em sua pesquisa, Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2018) encontraram evidências de que a motivação de um indivíduo para trabalhar por conta própria é baseada

na probabilidade subjetiva de que seus esforços serão seguidos por um resultado específico e na atratividade desse resultado. Eles também verificaram que a atração de trabalhar por conta própria para uma determinada pessoa depende de sua percepção de que isso levará a resultados desejáveis.

No corpo da teoria que estuda o papel da motivação na formação das intenções empreendedoras, uma linha de pesquisa utiliza a teoria da autodeterminação para explicar os processos motivacionais envolvidos em um comportamento empreendedor. A teoria da autodeterminação postula que as pessoas tendem a se mover em direção a atividades que satisfaçam seus recursos internos de desenvolvimento e funcionamento ideal. Assim, as pessoas podem ser motivadas intrínseca ou extrinsecamente, ou ambas, para se envolver em atividades empreendedoras.

Al-Jubari, Hassan e Liñán (2019) investigaram o papel das necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e relacionamento, conforme conceituadas na teoria da autodeterminação, na formação de atitudes e intenções de estudantes universitários em relação ao empreendedorismo. O resultado mais relevante foi a constatação de que tanto as motivações intrínsecas quanto as extrínsecas podem levar à intenção empreendedora e, por meio dela, de fato iniciar novos empreendimentos.

Os resultados relatados por estudos como os de Barba-Sánchez e Atienza-Sahuquillo (2018) e Al-Jubari, Hassan e Liñán (2019) destacam o papel significativo que as escolas e universidades desempenham na motivação dos alunos para o desenvolvimento de sua carreira empreendedora. Nesse sentido, os modelos também podem ter um impacto motivacional na escolha de se tornar um empreendedor.

2.3.2. Educação para o Empreendedorismo por meio de Modelos de Empreendedorismo de Sucesso e Atitude em relação ao Empreendedorismo

Estudos anteriores que investigam a influência de modelos empreendedores na percepção de empreendedorismo dos alunos dão atenção especial à exposição dos alunos aos empreendedores locais.

Hartshorn e Parvin (2019) sugeriram um programa de treinamento que inclui orientação fornecida por empreendedores locais. Neste programa, é atribuído um mentor a cada aluno, permitindo-lhe participar em todas as decisões empresariais. Este tipo de formação oferece aos alunos a oportunidade de obterem um conhecimento mais preciso

do que é um empreendedor, bem como a oportunidade de se introduzirem como potenciais futuros empreendedores num ambiente empresarial local.

Outro método sugerido para enriquecer o conhecimento do empreendedorismo com a ajuda de empreendedores locais é a organização de seminários de 'socialização', onde eles serão convidados junto com importantes partes interessadas da comunidade empresarial. Estes encontros dão aos participantes a oportunidade de conhecer quem é quem no mundo empresarial local, estabelecer contactos importantes, esclarecer algumas dúvidas que possam ter e reforçar a sua motivação.

Byabashaija e Katono (2011) acreditam que o uso de estudos de caso de empreendedores locais no ensino de empreendedorismo pode ser instrutivo em relação à viabilidade do empreendedorismo como uma opção de carreira.

Van Auken, Fry e Stephens (2018) estudaram o impacto de atividades específicas, nas quais modelos e alunos, como empreendedores em potencial, podem estar envolvidos no desejo dos alunos de possuir seus próprios negócios. Eles descobriram que as atividades dos modelos relacionados ao envolvimento do respondente em atividades profissionais, emprego no negócio e discussões sobre o negócio estavam significativamente relacionadas ao interesse em iniciar um negócio.

Karimi et al. (2016) propõem outras formas de incluir os empreendedores locais no processo de educação empreendedora, nomeadamente, os professores podem convidar os empreendedores a participar em sessões de perguntas e respostas com os alunos, apresentar as suas histórias de sucesso e partilhar as suas experiências. Os empreendedores convidados podem fornecer exemplos da vida real de como as pequenas empresas são criadas e administradas, dando aos alunos uma noção mais clara do mundo real do empreendedorismo e uma melhor compreensão dos desafios e oportunidades que podem enfrentar como empreendedores.

Segundo Urbano et al. (2017), as universidades são cenários ideais para unir pessoas com experiência empreendedora àquelas que desejam criar um novo empreendimento. Urbano (2017) recomendam seminários, reuniões de negócios e laboratórios como locais de interação entre potenciais modelos e os universitários.

Os resultados do estudo de Karimi et al. (2016) sugerem que os programas de educação para o empreendedorismo devem considerar a inclusão do contato com modelos empreendedores como parte de seu currículo, pois esses modelos podem estimular a

confiança dos alunos em sua capacidade de iniciar um negócio e melhorar sua atitude em relação ao empreendedorismo.

CONCLUSÃO

A educação para o empreendedorismo tornou-se mais complexa devido à necessidade de ensinar uma variedade de tópicos relacionados à inovação e ao pensamento futurista. Consequentemente, as abordagens pedagógicas agora se concentram em gerenciar expectativas ensinando os alunos a serem resilientes. Isso significa incorporar um contexto do mundo real que exponha os alunos ao aprendizado de serviço. Abordar problemas faz parte dos currículos de empreendedorismo, pois fornece uma maneira para os alunos ajudarem a resolver problemas sociais por meio do foco em sua intenção de se tornarem empreendedores. Uma intenção empreendedora é definida como “uma decisão clara e consciente de iniciar um novo empreendimento. Isso significa que os alunos podem aplicar princípios de empreendedorismo que os capacitam a tomar ações estratégicas.

Referências

ANTONACOPOULOU, Elena P.; FULLER, Ted. Practising entrepreneuring as emplacement: the impact of sensation and anticipation in entrepreneurial action. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 32, n. 3-4, p. 257-280, 2020.

AL-JUBARI, Ibrahim; HASSAN, Arif; LIÑÁN, Francisco. Entrepreneurial intention among University students in Malaysia: integrating self-determination theory and the theory of planned behavior. **International entrepreneurship and management journal**, v. 15, n. 4, p. 1323-1342, 2019.

AMORNPINYO, Nath. The Characteristics of Entrepreneurs with Successful and Sustainable Small Businesses in Northeastern Thailand. **Pertanika Journal of Social Sciences & Humanities**, v. 26, n. 1, 2018.

BAE, Tae Jun et al. The relationship between entrepreneurship education and entrepreneurial intentions: A meta-analytic review. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 38, n. 2, p. 217-254, 2014.

BARBA-SÁNCHEZ, Virginia; ATIENZA-SAHUQUILLO, Carlos. Entrepreneurial intention among engineering students: The role of entrepreneurship education. **European research on management and business economics**, v. 24, n. 1, p. 53-61, 2018.

BARBA-SÁNCHEZ, Virginia; ATIENZA-SAHUQUILLO, Carlos. Entrepreneurial motivation and self-employment: evidence from expectancy theory. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 13, n. 4, p. 1097-1115, 2017.

BARBA-SÁNCHEZ, Virginia; ATIENZA-SAHUQUILLO, Carlos. The development of entrepreneurship at school: the Spanish experience. **Education+ Training**, 2016.

BAUCUS, David A.; HUMAN, Sherrie E. Second-career entrepreneurs: A multiple case study analysis of entrepreneurial processes and antecedent variables. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 19, n. 2, p. 41-71, 2021.

BYABASHAIJA, Warren; KATONO, Isaac. The impact of college entrepreneurial education on entrepreneurial attitudes and intention to start a business in Uganda. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 16, n. 01, p. 127-144, 2011.
CANTILLON, Richard. **Ensaio sobre a natureza do comércio em geral**. CONVIVIVM, 2002.

CASARIN, Sidnéia Tessmer; PORTO, Adrize Rutz; GABATZ, Ruth Irmgard Bartschi; BONOW, Clarice Alves; RIBEIRO, Juliane Portella; MOTA, Marina Soares. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do journal of nursing and health / types of literature review. **Journal Of Nursing And Health**, [S.L.], v. 10, n. 5, p. 1-7, 30 out. 2020. Bimestral. Universidade Federal de Pelotas.
<http://dx.doi.org/10.15210/jonah.v10i5.19924>. Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/19924/11996>. Acesso em: 04 jan. 2023.

CHO, Yun Hee; LEE, Joo-Heon. Entrepreneurial orientation, entrepreneurial education and performance. **Asia Pacific Journal of Innovation and Entrepreneurship**, 2018.

DAVIDSSON, Per; HONIG, Benson. The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. **Journal of business venturing**, v. 18, n. 3, p. 301-331, 2003.

DRUCKER, Peter F. Controls, control and management. In: **Management Control Theory**. Routledge. 219-230, 2019.

DRUCKER, Peter. **Innovation and entrepreneurship**. Routledge, 2014.

FAYOLLE, Alain; GAILLY, Benoît; LASSAS-CLERC, Narjisse. Assessing the impact of entrepreneurship education programmes: a new methodology. **Journal of European industrial training**, 2018.

FEOLA, Rosangela; PARENTE, Roberto; CUCINO, Valentina. The Entrepreneurial University: how to develop the entrepreneurial orientation of academia. **Journal Of The Knowledge Economy**, [S.L.], v. 12, n. 4, p. 1787-1808, 30 set. 2020. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s13132-020-00675-9>.

FORNAHL, Dirk. Entrepreneurial activities in a regional context. **Cooperation, networks and institutions in regional innovation systems**, p. 38-57, 2016.

GARTNER, William B. et al. "Who Is an Entrepreneur? Is the Wrong Question." **Entrepreneurship theory and practice**, v. 13, n. 4, p. 47-68, 2019.

GIBSON, Donald E. Role models in career development: New directions for theory and research. **Journal of vocational behavior**, v. 65, n. 1, p. 134-156, 2019.

HARTSHORN, C.; PARVIN, W. Teaching entrepreneurship: creating and implementing a naturalistic model. In: **International Conference EuroPME, Rennes**. 1999.

KARIMI, Saeid et al. Understanding role models and gender influences on entrepreneurial intentions among college students. **Procedia-social and behavioral sciences**, v. 93, p. 204-214, 2018.

KOLVEREID, Lars; ISAKSEN, Espen. Arranque de novos negócios e posterior entrada no trabalho por conta própria. **Journal of business venture**, v. 21, n. 6, p. 866-885, 2006.

KRUEGER, Norris. The impact of prior entrepreneurial exposure on perceptions of new venture feasibility and desirability. **Entrepreneurship theory and practice**, v. 18, n. 1, p. 5-21, 2016.

LENT, Robert W.; BROWN, Steven D.; HACKETT, Gail. Rumo a uma teoria cognitiva social unificadora de carreira e interesse acadêmico, escolha e desempenho. **Jornal de comportamento vocacional**, v. 45, n. 1, p. 79-122, 1994.

LINA, Diana Manuela; IONESCU, Alina Mariuca; BEDRULE-GRIGORUTA, Maria Viorica. Entrepreneurial orientation in Romanian Higher Education. In: **Proceedings of the 11th International Conference on Education and New Learning Technologies, Palma, Spain**. 2019. p. 9864-9872.

LOCKE, Edwin A.; BAUM, J. Robert. Entrepreneurial motivation. In: **The Psychology of Entrepreneurship**. Psychology Press, 2014. p. 125-144.

NAUTA, Margaret M.; KOKALY, Michelle L. Assessing role model influences on students' academic and vocational decisions. **Journal of career assessment**, v. 9, n. 1, p. 81-99, 2021.

MARTIN, Bruce C.; MCNALLY, Jeffrey J.; KAY, Michael J. Examining the formation of human capital in entrepreneurship: A meta-analysis of entrepreneurship education outcomes. **Journal of business venturing**, v. 28, n. 2, p. 211-224, 2013.

MCCULLOUGH, Christine M. **Do role models matter? Exploring the correlates of motivational and imitative role modeling by professionals.** University of Missouri-Columbia, 2013.

NABI, Ghulam et al. The impact of entrepreneurship education in higher education: A systematic review and research agenda. **Academy of Management Learning & Education**, v. 16, n. 2, p. 277-299, 2017.

RATTEN, Vanessa; JONES, Paul. Covid-19 and entrepreneurship education: implications for advancing research and practice. **The International Journal Of Management Education**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 100432, mar. 2021. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijme.2020.100432>.

SWAYNE, Nick; SELZNICK, Benjamin; MCCARTHY, Seán; FISHER, Kimberly A.. Uncoupling innovation and entrepreneurship to improve undergraduate education. **Journal Of Small Business And Enterprise Development**, [S.L.], v. 26, n. 6/7, p. 783-796, 9 dez. 2019. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/jsbed-04-2019-0122>.

SCHINDEHUTTE, Minet; MORRIS, Michael; BRENNAN, Catriona. Entrepreneurs and motherhood: Impacts on their children in South Africa and the United States. **Journal of small business management**, v. 41, n. 1, p. 94-107, 2018.
SCHUMPETER, Joseph A. **Capitalismo, socialismo e democracia.** SciELO-Editora UNESP, 2017.

SILVEYRA, Geraldina; HERRERO, Ángel; PÉREZ, Andrea. Model of Teachable Entrepreneurship Competencies (M-TEC): scale development. **The International Journal Of Management Education**, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 100392, mar. 2021. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijme.2020.100392>.

SNEPAR, Jeremy et al. Launching a successful startup: an entrepreneur's field guide. **Journal of the American College of Radiology**, v. 15, n. 10, p. 1521-1522, 2018.

STOIAN, Claudia et al. What is different about volunteers? A study on factors of buying decisions of products with recycled content. **Sustainability**, v. 10, n. 5, p. 1631, 2018.

VAN AUKEN, Howard; FRY, Fred L.; STEPHENS, Paul. The influence of role models on entrepreneurial intentions. **Journal of developmental Entrepreneurship**, v. 11, n. 02, p. 157-167, 2006.

WATSON, Kathryn; HOGARTH-SCOTT, Sandra; WILSON, Nicholas. Small business start-ups: success factors and support implications. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, 2018.

ENTREPRENEURIAL EDUCATION AS A STUDY PROPOSAL IN THE PHYSICAL EDUCATION COURSE.

Rose Meire Melo Dos Santos - UEPa - Brazil
Jonatha Pereira Bugarim - UEPa - Brazil
Carla Melo Moraes - Uniasselvi -Brazil

ABSTRACT: The objective of this research is to analyze the elements of entrepreneurial education that can be inserted in the initial training of university students in the Physical Education Degree course. The research has a qualitative approach with an exploratory research level. A narrative review was carried out, based on journals in the area of physical education and in the area of entrepreneurship. The following expressions were used as descriptors: “Physical Education” and “entrepreneurial education”. The conclusion of this research is that entrepreneurship education can be developed in the physical education course through studies based on Successful Entrepreneurship Models and the element of Attitude towards Entrepreneurship.

Keywords: Physical Education; Entrepreneurial education.

LA EDUCACIÓN EMPRENDEDORA COMO PROPUESTA DE ESTUDIO EN LA CARRERA DE EDUCACIÓN FÍSICA.

Rose Meire Melo Dos Santos - UEPa - Brasil

Jonatha Pereira Bugarim - UEPa - Brasil

Carla Melo Moraes - Uniasselvi -Brasil

RESUMEN: El objetivo de esta investigación es analizar los elementos de la educación emprendedora que se pueden insertar en la formación inicial de los estudiantes universitarios de la carrera de Licenciatura en Educación Física, la investigación tiene un enfoque cualitativo con un nivel de investigación exploratoria. Se realizó una revisión narrativa, a partir de revistas del área de educación física y del área de emprendimiento. Se utilizaron como descriptores las siguientes expresiones: “Educación Física” y “educación emprendedora”. La conclusión de esta investigación es que la educación para el emprendimiento se puede desarrollar en el curso de educación física a través de estudios basados en Modelos de Emprendimiento Exitoso y el elemento de Actitud hacia el Emprendimiento.

Palabras clave: Educación Física; Educación emprendedora.